

SÉRGIO SANT'ANNA

Anjo noturno

Narrativas



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2017 by Sérgio Sant'Anna

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Rita da Costa Aguiar

Foto de capa

George Silk/ Getty Images

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Nana Rodrigues

Márcia Moura

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sant'Anna, Sérgio

O anjo noturno : narrativas / Sérgio Sant'Anna. — 1ª ed. —
São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

ISBN 978-85-359-2972-0

1. Ficção brasileira I. Título.

17-06361

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura brasileira 869.3

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/ciadasletras

Sumário

Augusta, 7
Um conto límpido e obscuro, 19
Talk show, 25
A mãe, 66
A rua e a casa, 87
Amigos, 102
História de um pensamento, 127
Uma peça sem nome, 129
O conto fracassado, 164

Augusta

Eles não são de verdade. Mas digamos que se conheceram há duas horas e meia numa pequena festa em Copacabana, na rua Francisco Mendes, transversal à praia. O nome dela é Helena, o dele Francisco. Helena tem trinta e três anos, Francisco trinta e um, embora não saibam disso um do outro. A maior parte dos poucos convidados bebeu álcool e queimou fumo, mas Helena ficou só no fumo e Francisco mais no uísque. Sentaram-se lado a lado, ao acaso, num sofá de tamanho médio. Dos alto-falantes de um CD player ouvia-se jazz. Mas nada de muito barulho. Balançando de leve o corpo, ao ritmo da música, Helena deixou que sua perna esquerda encostasse na perna direita de Francisco, que é um homem bonito. Ele não afastou sua perna e assim ficaram por algum tempo, como se fossem namorados. Helena usa um vestido branco, bastante curto, deixando à mostra boa parte de suas coxas morenas. Francisco reparou nesse contraste e achou Helena muito atraente.

Conversaram o tempo suficiente para que, além de conhecerem seus nomes, ele soubesse que ela era produtora de grupos

musicais novos. A dona da casa, Lucíola, uma jovem advogada, grande amiga de Helena, a orientava, gratuitamente, nas questões dos contratos desses grupos com gravadoras e dos cachês dos shows. Helena recebia uma percentagem da remuneração dos artistas.

Francisco era professor universitário de história do Brasil e contratara os serviços de Lucíola, a conselho de um amigo, para entrar com uma ação trabalhista contra uma faculdade particular que o demitira sem pagar os seus direitos. Lucíola era, portanto, uma advogada bastante eclética.

Bem, chega disso, são apenas detalhes chatos para dar maior plausibilidade ao enredo. Lá pelas onze horas, Francisco comentou que não poderia demorar. Tinha de acordar cedíssimo para dar uma aula numa nova faculdade num subúrbio. “Aos novatos os piores horários. E eles ainda tinham de levantar a mão para o céu, nessa época de desemprego.”

— Você mora onde? — perguntou Helena.

— No Flamengo, e você?

— Em Copacabana mesmo, perto daqui. Acho que vou descer com você. Tenho de comparecer a uma gravação amanhã de manhã. Do grupo Fora de Pauta. “Aos grupos iniciantes os piores horários”, ela riu. E ofereceu uma ponta de baseado a Francisco, que dessa vez aceitou.

Antes de sair, Helena foi ao banheiro e retocou o batom. Francisco achou-a ainda mais atraente, com os lábios vermelhíssimos, que ele observou com uma nitidez reforçada pelo fumo.

Dispensem as despedidas. Os dois sozinhos no elevador ficaram bem próximos um do outro, apesar do espaço de sobra. Num rompante, Helena beijou os lábios de Francisco. Ele respondeu. Havia um espelho e, quando afastaram seus rostos, Francisco observou sua boca bem manchada de batom. Achou-se ridículo, mas não quis tirar do bolso o lenço, para não dizer que

fizera pouco-caso daquele beijo. Pelo contrário. Mas Helena ficou com dó e tomou a iniciativa de tirar da bolsa lenços de papel e pôs-se a limpar a boca de Francisco, como uma menina ao mesmo tempo travessa e carinhosa.

Já na calçada:

ELE Em que rua você mora?

ELA Na avenida Atlântica. Eu sou riquíssima. — E Helena deu uma gargalhada.

Ela ficou de novo com dó e explicou:

— Bem, na avenida Atlântica é verdadeiro. O apartamento faz parte de um inventário, em que Lucíola funciona como advogada, de comum acordo entre os herdeiros. E estou morando lá de graça.

Diante do edifício onde morava, ela disse:

— Tenho um resto de Jack Daniel's em casa, não quer subir comigo?

— Só quero.

Era um edifício velho, com certeza da década de 50. Não havia varanda e, antes que Helena introduzisse sua chave na porta, um porteiro uniformizado abriu-a e cumprimentou-os. Apesar da austeridade da fachada, já no saguão via-se que os construtores procuraram dar ao prédio um ar de requinte. Ao lado de duas colunas nas paredes laterais, um homem e uma mulher de mármore, nus, com os respectivos sexos disfarçados por coberturas também de mármore. Tudo imitando peças gregas. O nome do edifício é Corinto. Ainda com fumo na cabeça, Francisco tem uma sensação de estranheza, como se houvesse entrado num templo.

Sobem lentamente até o quinto pavimento por um velho elevador reformado. Dessa vez não há beijo. Helena diz a Francisco que tem algo a lhe contar.

— Espero que você não seja muito impressionável. Sabe por que Lucíola pôde me ceder o apartamento de graça, deixando a meu cargo apenas as taxas e as contas? (ela faz uma pequena pausa e prossegue) Não foi só por causa do inventário. Foi também porque o antigo morador e proprietário suicidou-se pulando da janela.

Já estão no hall de entrada do apartamento.

HELENA As pessoas ficam impressionadas, pois o caso repercutiu.

Já estão dentro do apartamento.

— Conhecem os motivos? — ele falou, observando a sala enorme, com o pé-direito alto, praticamente vazia, as vozes deles criando uma sonoridade parecida com um pequeno eco. Onde deveriam estar as luminárias, apenas fios desencapados. (“Os parentes levaram o que havia de melhor. As cunhadas e sobrinhas se serviram.”) Como mobiliário, apenas uma mesa e quatro cadeiras, que pareciam ter sido compradas em alguma loja de móveis usados. E havia também um bar de madeira, afixado numa parede. Helena abriu a portinhola do bar e pegou lá dentro uma garrafa de Jack Daniel’s, com mais ou menos um terço do conteúdo.

HELENA Essas coisas nunca têm um só motivo. Mas ao que consta ele estava doente e muito sozinho, pois a amante o deixou. Só convivia com a empregada. Tinha mal de Parkinson e não podia mais pintar.

— Ah, então era pintor?

— Carlos Rodrigues, já ouviu falar?

— Não, nunca.

Helena deposita a garrafa sobre a mesa.

— Também pudera, os críticos e outras pessoas do métier o ignoravam, o consideravam um realista anacrônico. Mas talvez fosse um incompreendido. Tudo isso eu sei por Lucíola, que é fascinada pela figura de Rodrigues. Quer tomar agora uma dose?

— Por favor.

— Por que não me segue até a cozinha?

É uma cozinha limpa e bem-arrumada. Fogão e geladeira pequenos. Uma mesinha. Helena pega um balde na despensa e dois copos e os lava meticulosamente, depois tira uma fôrma de gelo do refrigerador e enche o balde. Enquanto isso, prossegue:

— Voltando a Carlos, ele até que conseguia vender alguns quadros, mas desprezava seus compradores, porque desprezava a si mesmo. Atingira aquele estágio da depressão em que a autoestima chega a zero, embora não tivesse parado de pintar até o Parkinson o impedir. Mas recomprava as próprias obras para depois destruí-las. Quer servir-se na sala? Aí você vê a sua dose.

Sentam-se à mesa. Para si, Helena trouxe uma garrafinha de coca-cola e outro copo. Francisco se serve de uma dose generosa de uísque com gelo. E fala:

— Mas e o dinheiro? Um apartamento desses, com a sua localização, não é nada barato.

— Herança familiar. Vinha de uma família rica e nunca precisou trabalhar. Como não tinha amigos, havia quem o considerasse um misantropo e até um misógino, mas pelo menos no segundo caso era obviamente falso, pois havia Augusta.

— Augusta?

— A mulher que o deixou. Ele tolerava dividi-la com outros, mas não se conformou em ser abandonado, sempre segundo Lucíola, que ainda comentou: Carlos gostava de beber e, já pensou?, ele bebendo sozinho e olhando para o retrato dela que ele mesmo pintou. Com o Parkinson, as pedras de gelo batendo no copo e fazendo aquele barulhinho. Aliás, não é improvável que a última pessoa a servir-se desse uísque tenha sido o pintor. Mas você não fica impressionado, fica?

— Pelo menos com isso não. — Francisco tomou um longo gole, que já era o segundo.

HELENA Está vendo aquele retângulo vertical mais branco na pintura da parede? Ali ficava o quadro com retrato de corpo inteiro de Augusta.

— Ele não quis destruí-lo.

— Não, isso não.

— E os parentes não quiseram ficar com a tela?

— Não, talvez porque estivesse danificada, ou por outra razão qualquer. Talvez responsabilizassem Augusta pelo suicídio de Carlos. Mas eu quis a pintura. Coloquei-a nas minhas dependências, que vou te mostrar.

— Você habita, então, em outra parte do apartamento?

— Sim, aqui na sala só existem mesmo, além do bar, as mesas e as cadeiras, que eu mesma comprei baratíssimo, pois não gostaria de comer no quarto. Quando tenho de receber o pessoal da música, o faço num escritório pequeno alugado no centro da cidade. Só mudei para cá há alguns meses e não creio que os herdeiros gostariam que eu mantivesse uma vida social no apartamento. Arrumei um quarto com as minhas coisas, pois inventários costumam demorar. Eu vou te mostrar.

— Não vai me dizer que é o quarto do suicida?

— É, o que que tem? A cama também é a dele. Acho que a família ficou com grilo de levar. Venha ver e traga o seu copo.

Entram por um corredor espaçoso e Francisco pergunta pelo banheiro. “A segunda porta à direita.” Francisco fica muito bem impressionado com o asseio e o cheiro bom do banheiro. Sobre a pia — onde ele deposita o copo — há sabonetes, perfume, água-de-colônia etc. Ajudado por um resquício de Cannabis em seu sangue, ele sente um imenso bem-estar. Pensa que Helena é uma mulher surpreendente e está feliz de ter subido com ela.

Quando sai do banheiro, com o copo, cruza com Helena no corredor. Ela está com uma ponta de baseado na mão. Traga fundo e a passa para ele, que também traga o que consegue, e

acabou-se. Helena diz: “Deixa que eu joga fora no vaso sanitário. Vou tomar uma chuveirada e você pode ficar em minhas dependências”. Aponta uma porta à direita. “Você vai ficar melhor lá. É praticamente ali que vivo: trabalho, durmo, ouço música, vejo televisão.”

Francisco entrou no quarto indicado. Numa vista-d’olhos, percebe que é um quarto bem grande e ali está a cama de madeira trabalhada do suicida. Mas ele não tem nem tempo de examiná-la, porque logo é atraído por um quadro de consideráveis dimensões, uma mulher nua retratada frontalmente, mas com as pernas fechadas, de maneira que o seu sexo não se exhibe ostensiva ou vulgarmente.

Com toda a certeza é Augusta e seu tamanho é de uma mulher real, de mais ou menos um metro e setenta. Seu seio direito é magnífico e o esquerdo também, mas com uma perfuração sob ele, que se espraia, como se alguém houvesse revolvido aquela ferida.

Francisco, fascinado, examina detidamente aquela mulher muito branca, totalmente despida, a não ser por uma sandália negra, de salto alto, e óculos de lentes claras, que a fazem parecer uma intelectual. Isso contribui para que Francisco fique excitado. Seu uísque acabou e ele deixa o copo sobre a mesa de cabeceira.

Ele leva um susto quando ouve a voz de Helena na soleira da porta.

— E então, está aí contemplando Augusta? Eu sabia.

Helena está agora usando uma combinação preta e calçou pantufas. Seus cabelos castanhos estão umedecidos, ela não os secou, com certeza apenas os enxugou com uma toalha. Reforçou novamente o batom vermelho.

FRANCISCO O que houve com o quadro na altura do peito?

— Carlos apunhalou-a.

— Que estranho.

— O que não faz uma paixão frustrada? Mas ele manteve o quadro, nunca conseguiu libertar-se dele. Na minha mente há uma cena de Carlos masturbando-se diante dela. A polícia, quando veio registrar a ocorrência do suicídio, recolheu em algum lugar do apartamento um punhal de prata. A punhalada não é simplesmente certa por causa da mão trêmula do pintor. A pintura, obviamente, foi feita antes da doença. Lucíola me narrou isso com detalhes. Parecia embevecida quando falava nessas coisas. Acho que ela deveria ter se dedicado ao direito penal. Mas no fundo penso que é uma mulher romântica.

FRANCISCO E autorretrato ou fotografia de Carlos, não há nenhum?

— Aqui nada. Penso que, além do corpo, ele quis destruir suas próprias imagens. Com certeza haverá fotos em retratos da família e Lucíola tem uma que saiu num necrológico no jornal. Ela me mostrou. O que mais me impressionou no retrato foram os olhos fixos dele, arregalados.

— Mas falemos também de você. Você sabia que, com essa combinação, você parece uma mulher de antigamente? Acho que as mulheres não estão usando mais hoje em dia.

— Você não gosta?

— Adoro. Perdoe-me, mas tenho vontade de alisar a combinação em seu corpo.

Helena avança em sua direção, oferecendo-se.

— Herdei a combinação de minha tia-avó.

Ele a acaricia na altura do umbigo e depois desce até o púbis dela. E espalma a mão sobre sua xoxota. Ela arfa, ajoelha no chão, baixa as calças e a cueca dele e se põe a chupá-lo, com pequenos intervalos, de modo que o pau dele fica com rodela de batom e ela ri.

— Está rindo de mim?

— Você não acha nada disso sério, acha?

— De jeito nenhum. — E ele também ri. — Você me mata de prazer.

— Quer que eu tire agora a combinação?

— Não, por favor.

Helena o empurra para a cama e vai por cima dele. Ele baixa as alças da combinação dela e os seus seios são lindos. Como se excitaram muito, não demoram a gozar juntos. Depois ficam imóveis, em silêncio, até que:

— E pensar que Carlos e Augusta trepavam aqui — ela diz. — Às vezes, de noite, é como se eu sentisse a presença deles.

FRANCISCO Se houver outra dimensão, Carlos pode estar me invejando, desejoso de você, Helena. Ele também gostaria de pintá-la. E se apaixonaria por você real e por sua pintura. Como com Augusta.

Helena levantou-se, pegou a combinação e dirigiu-se ao banheiro.

Deixado a sós, Francisco levantou os olhos até Augusta. É como se ele houvesse transitado diretamente de Helena para Augusta. Depois observa mais detidamente o quarto.

Uma escrivaninha fechada, uma poltrona, uma estante não muito grande, com livros na vertical e na horizontal e uns dois na mesa de cabeceira. O que está por cima é *Harmada*, de João Gilberto Noll. Há também um televisor e um equipamento de som. Também folhas de computador impressas jogadas no chão. Mais para o fundo do quarto um aparelho de ar condicionado desligado. É o princípio da primavera e uma brisa fresca entra pela janela. Helena deve tê-la aberto quando ele estava no banheiro.

Francisco interessa-se, sobretudo, por um nicho de bom tamanho no fundo do quarto. Há a janela, uma cadeira austera,

mas confortável, diante de uma mesa sobre a qual há um laptop com acessórios.

Depois volta a fixar-se prazerosamente em Augusta. Entende a paixão de Carlos Rodrigues. Terá Carlos providenciado para que sua modelo posasse com os óculos e as sandálias, ou terá sido casual, ou uma opção dela mesma? Francisco tem consciência de que nenhum objeto foi acrescentado ao quadro. Há o fundo verde, neutro e é só, dando um extremo realce ao corpo nu.

— Então sempre com Augusta? — pronuncia Helena entrando no quarto com um cigarro na mão. Um cigarro normal. — Não é como se ela fosse real?

— Sim, bastante real, com exceção da punhalada, que é metafórica.

— Um realismo que chega a ser surpreendente. Não é ultrapassado nem contemporâneo, é único. Dá vontade de tocá-la, seu corpo carnudo, mas nem um pouco gordo.

— Então você também a ama e deseja?

Helena apaga o cigarro num cinzeiro sobre a escrivaninha:

— Sim, amo-a e desejo. Quando tiver de me mudar, vou ver se a levo comigo.

— Sabe o que foi feito dela?

— Lucíola ouviu dizer que se casou com um inglês, proprietário de cavalos de corrida.

Helena passou por Francisco, caminhou até o nicho no fundo do quarto e olha pela janela. Francisco aproveita para levantar-se e se dirigir novamente ao banheiro. Ao retornar, vê que Helena está sentada junto ao computador. Francisco pega sua calça de linho no chão, veste somente ela e permanece descalço e com o peito nu. Aproxima-se de Helena e a abraça pelas costas e põe sua mão direita, espalmada, sobre e sob o seio esquerdo dela. Helena ri, entendendo o significado do gesto dele.

FRANCISCO Sobre o que você escreve?

— Além de textos profissionais, escrevo sobre minha vida, as pessoas que passam por ela. E naturalmente escrevo sobre Augusta. — Ela ri.

— Pretende publicar os textos um dia?

— Imagina! Escrevo para mim mesma. Para dar uma realidade maior a tudo o que existe e se passa em torno de mim.

Francisco dá a volta no corpo dela, no computador, chega até a janela e diz:

— É bonito aqui.

ELA (digitando) O que você está vendo?

ELE O mar, é claro. Com a iluminação da avenida Atlântica, vê-se a espuma das ondas quebrando na areia, tudo envolto no cheiro da maresia. Dá até para ouvir, a essa hora da noite, quando há um intervalo entre os carros que passam, o barulho dessas ondas. Você também ouve?

ELA Sim, creio que sim. E o que mais você vê?

ELE Uma forte luz em pleno oceano, que acende e apaga, intermitentemente.

ELA (sempre digitando) É a luz de um farol que gira, varrendo o mar, e por isso parece apagar-se.

ELE Mais atrás do farol, outras luzes, mais fracas e espalhadas, em movimento. Só podem ser de um navio. Pela direção em que se movem, o navio está partindo.

ELA Deixa que eu continuo. Talvez haja uma orquestra tocando a bordo, em comemoração à despedida. Talvez alguém da tripulação faça soar um apito, uma ou outra vez. Daqui, certamente, não poderemos ouvir, a não ser imaginariamente.

ELE A orquestra ou o apito?

ELA Ambos. É tudo muito longe.

ELE Você tem muita imaginação.

ELA Você não gosta?

ELE Gosto, gosto muito. Continue.

ELA Pessoas estão se debruçando na amurada do convés, olhando a cidade que se afasta. Alguém pode estar olhando nesta direção. Uma mulher, por exemplo. Talvez procure imaginar o que se passa num destes apartamentos da praia.

ELE O apartamento onde estamos?

ELA Sim, é isso, o apartamento onde estamos. Enquanto nós, aqui, imaginamos o que ela pode estar imaginando.

ELE E o que é?

ELA Um homem à janela, com o torso nu e descalço, e que contempla a praia, o oceano, o navio, o farol. É tudo como uma composição. E uma mulher, usando uma combinação, que escreve, no computador, essa composição. Há também uma mulher pintada, nua, usando óculos de lentes brancas e uma sandália de salto alto. Há também um buraco sob o seu seio esquerdo, na altura do coração.

ELE E o que mais você imagina?

ELA Mais do que imaginar, eu pressinto. Que em águas mais profundas além da praia nada um peixe de bom tamanho. Há uma estranha comunhão entre a mulher que digita e o peixe. Já na areia, próxima à praia, passeiam siris. Também é estranho a mulher pensar que esses crustáceos possuem alguma espécie de subjetividade; apesar de bizarros, são unidades autônomas de vida.

ELE E o que mais?

ELA Com seus óculos de lentes brancas, é como se a mulher pintada possuísse também uma subjetividade, estivesse atenta a tudo o que se passa em torno dela, inclusive o que se fala e o que está além do apartamento. Sob o seu seio esquerdo há uma perfuração, como se ela tivesse sido assassinada com um punhal. Tanto o homem como a mulher no quarto são seduzidos por ela. Seu nome é Augusta.

Um conto límpido e obscuro

Agora eles não tinham mais relações amorosas havia uns dois anos e pouco e foi uma surpresa para ele — e seu coração bateu mais forte — quando, depois de ouvir a campainha da porta, mais ou menos às onze horas da manhã, ele atendeu e viu que era ela quem estava lá, com o sorriso que era uma característica sua e que atraía imediatamente a simpatia de quem quer que viesse a conhecê-la. Ela disse que acabara de enviar pelo correio ao Museu de Arte Contemporânea de Niterói um projeto de instalação, mas antes tirara algumas cópias dele e, ali mesmo na rua, tivera a ideia de mostrar o trabalho a ele. A distância dos edifícios em que moravam era de três quarteirões e ela viera vestida com uma simplicidade caseira: calça jeans, uma camiseta totalmente branca, uma sandália velha, e não usava pintura. Ele teve vontade de abraçá-la forte e beijá-la na boca. Mas sabia que ela agora impunha limites que ele devia respeitar. Então ele a beijou na face como a uma amiga qualquer e foram sentar-se no sofá, mantendo uma certa distância entre si, ela encarando-o com expectativa enquanto lhe estendia uma folha de papel que retirara de uma pasta.

Assim que ele lançou o primeiro olhar ao desenho do projeto, seu coração bateu mais forte, como antes, à porta, pois, de repente, era transportado novamente a um mundo pessoal dela, ao qual estivera tão ligado.

O projeto que o desenho representava era a suspensão no espaço de uma cama de latão polido e ferro, como estava indicado, de tamanho real, virada para baixo, como se estivesse caindo, sustentada por quatro fios de aço a serem presos no teto do museu, enquanto no chão, sobre um tapete bege rosado, ficava uma cama pequeníssima, um objeto de antiquário, também de latão, com suas cobertas feitas de porcelana, sobre as quais uma meninazinha, também de porcelana, se ajoelhava em pose de oração. O título da obra era *Menina rezando em sua cama*. * Ainda no espaço, também suspensa e presa ao teto do museu, logo abaixo da cama grande, havia uma forma arredondada e rósea, como um seio estilizado em grandes dimensões, da qual saía um fio negro, algo grosso, comprido, de borracha, que ia terminar num dedo de acrílico, com uma unha esmaltada em vermelho, apontando diretamente para a menina, bem próximo dela, como que a indicar o peso de uma responsabilidade ou a culpa a recair sobre a meninazinha, tão pequena, como se ela tivesse cometido uma espécie de pecado original. Por outro lado, o jogo de relações da cama pequena com a cama maior, caindo no espaço, intermediado pela forma arredondada rósea, ligava a mulher adulta — e isso valia tanto para a artista como para qualquer observadora — à meninazinha que ela teria sido e ainda trazia dentro de si.

Foi isso que ele comentou com ela, mas disse também que qualquer explicação só faria reduzir o impacto do trabalho, e ela concordou com ambas as coisas, as explicações e o que estava além delas. E traindo uma certa timidez, estendeu para ele uma

* De autoria de Cristina Salgado.

folha de papel em que havia especificações do trabalho, também enviadas ao museu, e apontou um trecho que ele devia ler. Ali ela escrevera: “O objeto antigo de porcelana — a menina rezando — é lindo, doce, meigo, elegante, delicado como todos nós e, como todos nós, é temente a Deus, à noite, e à solidão”.

— Mas isso é muito bonito — ele disse.

Ela sorriu, contente com aquele elogio que sabia merecido, e ele aproveitou o momento para segurar sua mão, mas sentiu, nitidamente, que ela mantinha as mãos de ambos afastadas dos corpos, das coxas e dos seios dela, evitando qualquer intimidade maior. Ele então a soltou e disse, sentindo-se levemente ridículo:

— Você está apurando cada vez mais suas formas de representar seu mundo.

— E posso saber que mundo é esse? — ela disse, com uma entonação ligeiramente irônica.

— Você sabe muito bem. Essa ligação com o feminino, ao mesmo tempo sensível e irônica, carnal e espiritual, mas nessa instalação há, sobretudo, os temores e os mistérios de uma noite feminina, lirismo. E também doçura, meiguice, elegância, como você mesma escreveu.

Enquanto ele falava aquilo, ela, por um segundo, encostou a cabeça no ombro dele, mas antes que ele pudesse passar o braço em torno dos ombros dela, ela levantou-se, arisca, e se encaminhou para a cozinha, com a familiaridade que tinha com o apartamento que frequentara durante oito anos.

Sozinho, na sala, ele pegou a pasta que ela trouxera e viu que havia algumas outras cópias de trabalhos ali guardadas. O conjunto da obra dela era mesmo inteiramente vinculado ao feminino, com pinturas mostrando mulheres, vestidas, nuas ou seminuas, ou esculturas em que se decompunham e recompunham partes da anatomia feminina, para formar combinações, como um misto de perna e seio — que ele pegou para ver — com um ma-

milo bem visível e ainda um dedo de mão apontando para cima, com a unha esmaltada de vermelho, a peça terminando num pé calçado num sapato preto, real, de salto alto. Noutro trabalho, dois braços estilizados, um terminando apenas com um dedo indicador, também com a unha pintada de vermelho, e o outro com uma garra preta, como a de um crustáceo, se curvavam e se encontravam para formar uma abertura onde se via a ponta do parafuso com o qual a peça era cravada numa chapa metálica, tudo a sugerir um pórtico da sexualidade. E havia ainda outra peça que era um seio longo e pontudo, feito de materiais diversos, repousando sobre uma haste de ferro, num trabalho que ela nomeara Mamãe.

Ele estava segurando a reprodução desta última peça quando, sentindo-se observado, levantou os olhos e a viu à porta da cozinha, olhando-o atentamente, talvez porque, surpreendendo-o a examinar sua obra, sem saber que ela o via, ela poderia ler em seus olhos o que ele realmente achava de tudo aquilo. Seus olhares se encontraram e eles então riram cúmplices, e ela passou direto pela sala, encabulada, para ir ao banheiro.

O que ele realmente achava da obra dela é que era, ao mesmo tempo, sofisticada e cheia de humor, e para ele sempre fora fascinante participar da intimidade desta mulher de quem nascia esse repertório, e quando frequentara a casa dela, no meio de muitas obras espalhadas pelos espaços do apartamento — quadros, desenhos, objetos, esculturas —, a proximidade dessas obras como que fornecia uma personalidade dupla à mulher e tornava ainda mais atraente, compensador, partilhar com ela coisas comuns do cotidiano, como jantarem na cozinha a comida que ela esquentava — e às vezes fritava um ovo para ele —, e então ela era em tudo também uma mulher comum, apenas com a diferença que era produzir obras que tinham a ver com esse cotidiano feminino ou eram um aguçamento dele

e assim forneciam uma segunda significação aos menores atos dela, como lavar pratos, tomar banho, ver televisão, ler na cama romances ou livros de arte. E quando eles transavam tornava-se um prazer ainda maior despi-la e aí, de certa forma, ver os corpos — os seios, púbis, pernas — das personagens de suas obras, ou então, pelo contrário, despi-la dessas personas para ter em seus braços a mulher absolutamente comum, embora no quarto dela houvesse também quadros, inclusive de mulheres nuas, em que ela, mesmo sem o fazer deliberadamente, acabava por colocar muito de si própria. E ele podia pensar em como a observaria se não fosse a artista, mas apenas a mulher nua comum, de quarenta e dois anos.

Mas com todas aquelas reproduções ali espalhadas no sofá, era essa mulher dupla que ele tinha de novo ali ao seu lado — e ao mesmo tempo inatingível, coletando seus trabalhos — provocando-lhe novamente o desejo, imediatamente contido, de beijá-la, para sentir, provavelmente, um hálito de café com leite, e depois acariciar seu corpo por baixo da blusa e depois levá-la pelo braço até o quarto, onde, bem diante da cama, havia um quadro que era uma mulher nua pintada, frontalmente, por ela, com sapatos de salto alto, segurando uma bolsa, tudo cor-de-rosa, no qual ela pusera muito de si mesma, mais uma vez sem tê-lo procurado nem ter posado diante do espelho. Era uma representação do feminino que ela trazia naturalmente consigo.

E era exatamente isso que ele estivera perdendo nesses últimos dois anos e pouco: ela inteira e, em boa parte, ele próprio, pois, sem ela, ele se tornava um sujeito muito mais pobre, e descobrira que esse tipo de amor que sentia tinha também essa virtualidade de um ser perder-se em parte no outro, tentar roubar suas qualidades — e não fora em parte essa voragem dele que a afastara? —, e havia em sua mente um pensamento ao mesmo tempo límpido e obscuro, que mais ou menos o compensava,

como agora. Tendo se apossado de despojos dela, e se isso parecia uma representação doentia do amor, uma alucinação dos sentidos, ele pelo menos podia, assim como ela produzia quadros e esculturas, torná-la para sempre real em si mesmo, transcrevendo-a em palavras.